

## PREÇOS MÍNIMOS PARA A SAFRA DE 1953/54

Trabalho preparado pela Secretaria da Agricultura e encaminhado ao Ministério da Fazenda, como contribuição ao estudo de preço mínimo da próxima safra.

Para se determinar com acerto o nível com que os preços devem ser garantidos, é necessário antes precisar o objetivo que se tem em vista com a sua fixação. Este pode ser o de manter ou estimular a área de uma cultura que interessa ao Estado; o de garantir um determinado nível de renda aos produtores, ou ainda o de oferecer aos produtores uma forma de seguro contra a incerteza dos preços.

Na situação presente; e em consequência da queda que veio afetar a renda de grande número de cafeicultores, o critério dominante na fixação dos preços mínimos poderia ser o de garantir preços elevados a certas culturas, a fim de que os agricultores prejudicados com o café pudessem aumentar o nível de suas rendas. Entretanto, não foi necessário usar, de forma generalizada, esse argumento, pois muitos dos produtos já apresentam nível de preços bastante satisfatórios. Assim é, por exemplo, o caso dos cereais cujos preços se mantêm em nível elevadíssimo, provocados pela ocorrência de dois anos consecutivos de pequenas produções.

O objetivo que nos norteou na determinação dos preços que ora sugerimos foi, principalmente, o de proporcionar aos produtores uma forma de seguro contra uma provável queda de preço. Pois, conforme se acha claramente demonstrado neste memorial, existe esse perigo para os cereais. Os lavradores encontram estímulo nos preços elevados atualmente vigentes em nosso mercado. É provável que as áreas sejam muito ampliadas e bastam condições normais de clima para que se tenha uma produção abundante. Como ainda temos mercado interno limitado para esses produtos e sendo muito baixos os preços no mercado internacional, é certo que esses preços deverão cair, se não forem amparados.

Para evitar os inconvenientes decorrentes dessa queda de preços, estamos propondo que o preço dos cereais sejam fixados de acordo com o custo estimado de sua produção para a safra de 1954. Baseando-se em levantamento já efetuado por esta Secretaria, podemos calcular, de acordo com a tendência do índice de preços de atacado da Conjuntura Econômica, os prováveis custos dessa safra.

Quanto ao algodão, a fixação de preço teve objetivo diferente, que foi o de manter essa cultura numa área igual ou pouco inferior a do ano anterior. Considerando que a tendência dos preços desse produto, no mercado internacional, é para baixa, como comprova a dificuldade encontrada pela Comissão de Financiamento da Produção em colocar os seus estoques de algodão, não pudemos nos basear apenas no custo de produção para calcular o preço mínimo. Tal critério resultaria em

dificuldades ainda maiores para essa Comissão. Mas, de outro lado, considerando os argumentos a favor da manutenção dessa cultura entre nós, conforme acham-se expostos neste memorial, julgamos que os preços poderiam ser mantidos em bases idênticas às de ano anterior.

Devemos acentuar que ao sugerir esses preços mínimos levamos em conta o fato de que a Comissão de Financiamento da Produção não devia acumular estoques invendáveis. Uma vez que a lei de câmbio livre já permite a inclusão nesse mercado de parte das cambiais obtidas com a exportação desses produtos, procuramos calcular os preços de modo a permitir a sua exportação normal caso os preços no mercado interno venham a cair. No caso do algodão, que ainda não se acha incluído nessa lei, julgamos que as condições internas da nossa economia já exigem a sua inclusão e, por isso, calculamos o seu preço dentro do mesmo critério.

Também foi considerado que a modificação do valor interno do cruzeiro em relação ao externo é de tal monta que o fato de um produto se tornar gravoso não deve ser considerado como evidência de que as nossas condições não são favoráveis à sua cultura. E é por isso que na escolha de nossos preços não levamos em consideração a necessidade de se manter os custos de produção desse artigo dentro dos níveis do mercado internacional, calculado na base do câmbio oficial.

Por último, devemos salientar a necessidade de serem esses preços garantidos dentro do plantio da próxima safra. A incerteza dos lavradores quanto aos preços do algodão, é muito grande, e se a garantia não for decretada com antecedência, teremos uma área plantada menor, com evidente prejuízo para o nível do nosso comércio externo. E mesmo quanto aos cereais, cujos preços se acham elevados, julgamos que a efetivação, antes do plantio, de preços que garantam os custos, seria de grande utilidade pois viria trazer-nos a certeza de que as áreas plantadas no próximo ano seriam abundantes evitando desse modo, novas dificuldades decorrentes da falta desses alimentos.

**ALGODÃO :** Não constitui providência simples a determinação do nível de preço a ser fixado para o algodão. A Comissão de Financiamento da Produção tem em estoque grande parte das suas últimas safras e são grandes as dificuldades encontradas para vendê-lo mesmo a preços idênticos aos de algodão americano no mercado internacional. Segundo fonte oficiosa, das 255 mil toneladas de algodão paulista da safra de 1951/52 comprada pela C.F.P. ainda restavam em estoque, até fins de julho de 1953, cerca de 195 mil toneladas. E da safra em curso, isto é 1952/53, até a mesma data somente foram vendidas 4.000 toneladas das 80.000 por enquanto adquiridas. E também não é possível prever-se uma melhoria na situação. As condições do mercado internacional mostram-se contrária, tendência para preços ainda mais baixos. Segundo dados do Boletim "A Agricultura em São Paulo" e cujo quadro principal transcreve nos, nota-se, que no início da presente safra algodoeira, 1953/54, havia um estoque de 15,5 milhões de fardos nos países do chamado mundo livre. Conforme constata-se nesse quadro, esse estoque é maior em 2,2 milhões de que o de ano imediatamente anterior, isto é 1951/52.

SITUAÇÃO ESTATÍSTICA MUNDIAL DO ALGODÃO

( EXCLUINDO A RUSSIA E PAÍSES SATELITES )

ANOS COMEÇANDO EM AGOSTO - MILHÕES DE FARDOS DE 217 QUILOS

SUPRIMENTO	1947/48	1948/49	1949/50	1950/51	1951/52	1952/53	1953/54
<b>Estoque (1º agosto)</b>							
EE. UU. ....	2,5	3,1	5,3	6,85	2,3	2,8	5,2
Outros .....	14,2	9,6	8,2	8,65	8,3	10,5	10,3
<b>Total .....</b>	<b>16,5</b>	<b>12,7</b>	<b>13,5</b>	<b>15,50</b>	<b>10,6</b>	<b>13,3</b>	<b>15,3</b>
<b>PRODUÇÃO</b>							
EE. UU. ....	11,7	14,6	16,0	9,9	15,1	14,95	
Outros .....	8,8	9,6	10,7	12,3	13,5	13,45	
<b>Total .....</b>	<b>20,5</b>	<b>24,2</b>	<b>26,7</b>	<b>22,2</b>	<b>28,6</b>	<b>28,40</b>	
<b>DISTRIBUIÇÃO</b> (Consumo)							
EE. UU. ....	9,4	7,9	8,9	10,5	9,2	9,6	
Outros .....	13,5	14,4	15,0	16,2	15,9	15,8	
<b>Total .....</b>	<b>22,9</b>	<b>22,3</b>	<b>23,9</b>	<b>26,7</b>	<b>25,1</b>	<b>25,4</b>	
<b>Estoque (31 de julho)</b>							
EE. UU. ....	3,1	5,3	6,85	2,3	2,8	5,2	
Outros .....	9,6	8,2	8,65	8,3	10,5	10,3	
<b>Total .....</b>	<b>12,7</b>	<b>13,5</b>	<b>15,50</b>	<b>10,6</b>	<b>13,3</b>	<b>15,5</b>	
<b>Distribuição total ..</b>	<b>35,6</b>	<b>35,8</b>	<b>39,40</b>	<b>37,3</b>	<b>38,4</b>	<b>41,2</b>	
<b>Diferença .....</b>	<b>1,4</b>	<b>1,1</b>	<b>0,8</b>	<b>0,4</b>	<b>0,8</b>	<b>0,5</b>	

(1) Dados não definitivos

(2) Estimativas

(3) Corresponde as exportações para a Rússia e países satélites

FONTES: International Cotton Advisory Committee

B.A.B. (U.S.D.A.)

Deve-se esse elevado estoque às produções de 1951/52 e 1952/53 que foram muito maiores do que as dos anos anteriores, confer-se também mostra o quadro em questão.

Considerando, portanto, a posição estatística do algodão no mercado internacional e a dificuldade na venda de nossos estoques, poder-se-ia chegar à conclusão de que o preço mínimo da próxima safra deveria ser garantido em níveis coerentes com os do mercado internacional a fim de se evitar a acumulação de novos estoques.

No entanto, quando se analisam melhor os problemas da agricultura em São Paulo, chega-se a conclusão diferente, pois são muitos os argumentos que falam em favor de uma política de preços que venham sustentar a produção. E o algodão é dos poucos produtos de que pode dispor o país, para manter o seu comércio internacional. Também é produto de grande importância no mercado interno, pois fornece o óleo comestível e a torta, esta tão útil na alimentação do rebanho leiteiro. E também é preciso não esquecer que sua cultura constitui a atividade econômica principal de grandes áreas de São Paulo e Estados limítrofes.

Ainda mais, o fato do algodão estar se tornando gravoso não deve ser considerado como prova de que as nossas condições não são favoráveis à sua produção, pois, isso deve, em grande parte, ao fato de termos mantido a sua exportação na base de um câmbio oficial, enquanto sua produção se processa na base de um cruzeiro de valor interno desvalorizado. Não é pois de se estranhar que nessas condições o produto se torna gravoso. E por último, é necessário considerar que muitos agricultores terão este ano suas rendas diminuídas devido à gada que incidiu sobre suas lavouras de café, de modo que necessitam de outras culturas de valor comercial para manter suas rendas.

Considerando êsses argumentos que falam em favor da manutenção da lavoura algodoeira em São Paulo, pode-se concluir que os preços mínimos devem ser colocados em base capaz de manter o interesse dos agricultores pela cultura.

Para manter êsse interesse os preços não podem ser fixados em níveis idênticos aos do mercado internacional. A julgar pelo preço garantido pelo Governo Americano ao produtor, que é de 32,70 cents por libra para o Middling 15/16 polegadas, ou seja cerca de 36 cents em Nova York, e que realmente pode ser considerado um preço mínimo para os algodões desse tipo no mercado internacional, poderíamos manter um preço de apenas CR\$ 65,00 por arroba. Os preços, nessa base, de forma alguma viriam manter o interesse dos agricultores por essa cultura.

Para manter a área dessa lavoura, ou permitir que ela diminua numa percentagem pequena, será necessário manter os preços em níveis pelo menos idênticos aos do ano passado.

Reconhecemos que a manutenção dos preços nesses níveis não atende ao justo reclamo dos agricultores cujas rendas diminuem por encarecimento do seu custo de produção. Mas como já vimos, as perspectivas no mercado internacional para o próximo futuro não são boas, de modo que devemos pensar antes em preços menores a fim de que possamos nos preparar para manter a cultura em base de pequeno custo.

É de se ponderar que a Comissão de Financiamento não correrá risco com a garantia de preços nessa base, uma vez que se resolveva permitir que 20% das cambiais seja vendida no câmbio livre.

ARROS: - O arroz constitui, no momento, um sério problema para São Paulo. Os últimos dois anos foram de produção pequena. No de 1951/52, a colheita, no total de 8.904.546 sacos, foi a menor dos últimos 10 anos e 50% inferior à de 1949/50. Tal diminuição, deve-se ao fato da área plantada ter sido bem menor.

Na safra seguinte, isto é, de 1952/53, a área plantada foi superior em 35%, mas a produção resultou pequena, cerca de ..... 9.042.942 sacos, em consequência da falta de chuva que prejudicou muito o desenvolvimento da cultura. As produções nos Estados limítrofes também sofreram efeitos idênticos nesses dois anos, não tendo, por isso, com pensado o decréscimo ocorrido em São Paulo.

Devido a esse baixo suprimento, os preços do arroz subiram a níveis elevadíssimos chegando a CR\$ 16,00 e 18,00 o quilo para o consumidor, trazendo uma insatisfação geral as classes menos favorecidas. Apesar da escassez atual, é possível que no próximo ano agrícola, isto é, 1953/54, ocorra uma modificação completa na situação. A elevação dos preços deverá fazer com que a área plantada pelos agricultores seja muito maior. O mesmo deverá ocorrer com os cafeicultores, que tendo suas lavouras afetadas pela geada, procurarão aumentar as áreas das lavouras lucrativas para manter a renda de suas propriedades e de seus trabalhadores.

Se tudo correr bem, é de se esperar, pois, uma colheita abundante em 1954, suficientes não só para atender ao consumo interno, como também para refazer os estoques e mesmo para exportar os excedentes.

Faremos essa afirmativa baseando-nos não só no fato de nos anos anteriores termos tido produção que permitia a exportação, como também no fato de ter tido desenvolvimento a cultura do arroz na Alta Mogiana, Triângulo Mineiro e Goiás. A lavoura adaptou-se bem a essas regiões e é de se esperar que, no futuro, a sua extensão apresente progresso.

A julgar por essas perspectivas, encontraremos na próxima safra algumas dificuldades sérias. É que o arroz não poderá ser exportado aos preços atuais pois as cotações no mercado internacional acham-se em níveis muito baixos.

Nos Estados Unidos, país exportador, onde os preços são mais elevados, as cotações tem apenas alcançado 260,00 cruzeiros para o arroz beneficiado. De modo que se colhermos uma produção abundante, como parece muito provável, teremos que enfrentar uma situação de preços baixos a fim de exportarmos os excedentes.

Devido a essas condições, torna-se de maior interesse

22.

discutir o nível em que o preço deve ser garantido. Em primeiro lugar devemos eliminar a hipótese de se garantir um preço nos níveis em que atualmente se acham. O preço atual de CR\$ 400,00 por saca, em casca, tem base nas condições anormais de escassez, a que acima nos referimos. E nada nos diz de seu custo de produção que, deve-se localizar em níveis bem inferiores.

Para se manter um suprimento normal e remunerar satisfatoriamente o produtor não haveria, pois, necessidade de se garantir os preços nesses níveis.

De outro lado, se o preço for garantido de acordo com os baixos níveis do mercado internacional, poderia não desestimular a produção, porque os agricultores se acham realmente animados a aumentar a área devido aos preços atuais, mas é certo que a garantia nesse base deixaria de atender a uma de suas finalidades, que é a de oferecer aos produtores um seguro contra as quedas excessivas de preço. Pois, como foi visto, os preços não deverão se manter nesses níveis, quando chegar a próxima colheita. Ademais, causaria espécie, tanto aos produtores como aos consumidores, que o Governo, numa ocasião em que o preço se torne tão elevado por falta do produto, se propusesse a garantir preços em níveis assim tão baixos a fim de evitar prejuízos com possível excesso de produção.

O que nos parece aconselhável é que o preço seja garantido entre esses dois extremos. Devemos evitar um preço tão baixo como os do mercado internacional, porque isso poderia resultar em prejuízo para o agricultor. E também evitar um preço muito alto, como é o do momento, no mercado interno, porque traria um estímulo demasiado a produção, com a possibilidade de incorrerem em prejuízo ao exportar os excedentes.

Acreditamos que os preços poderiam ser garantidos na base do custo estimado da safra de 1953/54, acrescido de 20%. Baseado no cálculo levantado pela Secretaria da Agricultura em 1950/51 pode-se estimar, de acordo com a tendência da elevação do índice de atacado da Conjuntura Econômica, que o custo da safra será de CR\$ 180,00 por saca (uma vez que se admita também que a produção por unidade de área neste ano, seja idêntica à média dos últimos cinco anos). Com o acréscimo de 20% sobre este custo, teremos o valor de CR\$ 215,00 a ser garantido por saca em casca. Preço esse que corresponde a cerca de CR\$ 245,00 por saca de 60 Kg. de arroz em casca, posto em Santos, para os tipos 1 e 2 de grãos médios. Isso, também, corresponde a cerca de CR\$ 370,00 por saca beneficiada, tipo 2, grãos médios, posto Santos. Consideramos o aumento de 20% necessário, a fim de compensar em parte a diferença entre o preço atual e o que será garantido pelo governo. Julgamos que o preço assim calculado poderia melhor garantir os produtores contra uma queda muito acentuada de preços.

A garantia desse preço não virá trazer dificuldades financeiras ao órgão encarregado de sua execução. No caso de haver excesso de produção, será conveniente refazer parte dos estoques, que parece estão agora muito baixos. E se o excedente de produção for elevado

pouer-se-á também exportá-lo sem prejuizo. Basta que se autorize a venda no cambio livre de parte das cambiais provenientes de sua exportação.

Pode-se calcular, na base do cambio livre de 40 cruzeiros, que colocando-se 50% das cambiais no cambio livre, isso permita a nossa exportação.

Não é demais ressaltar-se a importância do arroz como cultura desbravadora de extensas regiões na Alta Mogiana, Triângulo Mineiro e, principalmente Goiás. E, ultimamente, pode-se apontar também essa cultura, como a introdutora da mecanização integral em São Paulo. São muitos os agricultores que estão fazendo a cultura inteiramente mecanizada, destocando o terreno, cultivando e colhendo mecanicamente. É uma cultura destinada a contribuir para a modificação da fisionomia da agricultura de extensas regiões desses Estados e, por isso, merece o inteiro apoio dos poderes publicos.

MILHO: -

A determinação do nível em que o preço do milho deve ser garantido constitui um problema semelhante ao do arroz. Apenas deixa de mostrar a mesma gravidade.

Assim é que a queda de produção nesses últimos dois anos foi de 11% em relação a média dos 3 anos anteriores, o que motivou uma elevação de preço de cerca de 46%.

É de esperar que esse aumento de preço estimule os agricultores a novos plantios, tanto aqueles que são normalmente produtores de milho como os que sendo cafeicultores, com lavouras prejudicadas, precisam agora de uma lavoura lucrativa a fim de manter a renda de sua propriedade. E desse modo, pode-se esperar uma produção abundante para o próximo ano. Isso se dando, os preços deverão cair bastante, pois o mercado internacional que poderia absorver os excedentes, a exemplo do que ocorreu na safra de 1950/51, mostra preços muito inferiores. Assim é que as últimas vendas de milho argentino foram feitas na base de 70 dolares a tonelada ou seja 76,80 cruzeiros o sacco de 60 quilos, no cambio oficial.

Nessas condições, a garantia de preços deve ter por objetivo principal, proporcionar aos agricultores um seguro contra as quedas de preço.

Na determinação do nível de preço que atenda a esse objetivo, não se pode usar um criterio semelhante ao do arroz. Atualizando o custo de produção calculado pela Secretaria da Agricultura em 1950/51, de acordo com o indice do preço de atacado da Conjuntura Economica e com um rendimento por alqueire igual a média dos últimos 5 anos, chega-se a um preço de 105 cruzeiros por sacco de 60 quilos, posto no interior. Preço esse que corresponde a cerca de CR\$ 135,00 por sacco de 60 quilos posto Santos. Esse preço seria, porém, muito superior as cotações internacionais e os excedentes, caso haja, não poderao ser exportados, ainda que se coloque 50% das cambiais provenientes de sua exportação no mercado livre, que é a porcentagem que a Lei prevê.

Para evitar êsses inconvenientes, isto é, para que não haja perigo de orgão financiador sofrer prejuizos na garantia dos preços, será necessário fixá-lo em níveis mais baixos. Com um preço de CR\$120,00 por sacco já seria possível exporta-lo com 50% no câmbio livre. Esse preço equivaleria a, aproximadamente, CR\$ 90,00 por sacco, no interior, para o tipo 3, grupo duro, que é o que mais se aproxima do milho argentino.

Ainda que nessa determinação tenham-se admitido certas premissas difíceis de serem comprovadas, como a de que o câmbio livre se mantenha em torno de 40 cruzeiros, julgamos que a garantia nessa base é a que melhor atende aos interesses da nossa economia.

Não é mais ressaltar a grande importância que representa para o Brasil, uma política de aumento da produção e do consumo de milho. O desenvolvimento da avicultura e da suinocultura, para só citar dois pontos importantes, e dos quais muito depende o bom abastecimento de carne para o nosso povo, está estreitamente ligado à produção desse cereal.

O milho é provavelmente o cereal que melhores atenções deve merecer do governo, para ele se fazendo mister a adoção de uma política de longo período que objective o incentivo à produção e o consumo interno.

AMERENDOM: - As perspectivas para o próximo plantio desse produto são muito semelhantes as do milho e arroz, isto é, substancial ao aumento na área a ser plantada.

As principais justificativas para tais prognósticos são também as mesmas: altos preços vigentes em 1953 e a necessidade de compensar, pelo aumento em outras culturas, a redução da renda que parte dos cafeicultores sofreram com a geadá.

Sendo o produto oleaginoso, os reflexos economicos de sua produção terão que ser considerados em conjunto com os da produção de óleos e gorduras alimentícios.

A produção de óleo de caroço de algodão e de amendoim, de abril de 1953 a igual mes de 1954 ( início e fim da moagem do caroço de algodão), pode ser estimado, a grosso modo, em cerca de 59.000 toneladas, segundo o calculo seguinte :

Óleo de caroço de algodão

1 - Estimativa da safra 1952/53	45.000,000 de toneladas de arrobas de algodão em caroço.
2 - Produção total de caroço (rendimento de pluma de 35%)	438.750 toneladas
3 - caroço destinado a plantio e perdas (2%)	<u>50.137</u> 388,613 toneladas
4 - caroço disponível para a produção de óleo	388,613



- 5 - produção total de óleo refinado  
(9,5% de rendimento) 36.918 toneladas
- x - incluindo algodão dos estados vizinhos, cujo caroço é enviado para São Paulo.

Óleo de amendoim

- 1 - Estimativa das safras de 52/53 5.035.075 sacas de 25 quilos em casca
- 2 - Consumo "in natura", reserva para plantio e perdas 1.400.000
- 3 - Total disponível para fabrico de óleo 3.635.075 sacos ou 90.876.875 quilos em casca.
- 4 - Produção total de óleo (22% por cento do peso em casca) 19.992.912 quilos
- Produção total de óleo de algodão e amendoim (37.000.000 mais 20.000.000) 57.000 toneladas

Este volume é cerca de 25% inferior à produção anterior (abril de 1952 a abril de 1953) que atingiu aproximadamente a 75.500 toneladas.

Admitindo-se que a contribuição dos demais óleos e gorduras (babaçu, banha, toucinho, etc.) mantenha-se estável, isto é com alterações de pouca monta, chegaremos à conclusão de que, em abril de 1954, deveremos estar com pouca ou nenhuma disponibilidade. Esta conclusão deve ser aceita, entretanto, com bastante reserva, uma vez que são precários os dados sobre o consumo e o estoque do ano anterior.

Partindo dessa premissa e admitindo que a próxima safra de algodão, a qual deverá fornecer caroço a ser moído, de abril de 1954 à igual data de 1955, seja aproximadamente igual a presente safra, pode-se esperar cerca de 37.000 toneladas de óleo de algodão. Qual então a quantidade de amendoim que poderá ser produzida sem oferecer excesso de produção ?

O volume de 75.500 toneladas, produzidas de abril de

PREÇOS MÍNIMOS SUGERIDOS, PREÇOS ESTABELECIDOS NA SAFRA 1952/53 E PREÇOS VIGORANTES NO INTERIOR

PRODUTOS	SAFRA 1952-1953 Preços mínimos estabelecidos. - Posto Santos -	SAFRA 1953 - 1954 Preços propostos pela Sec. da Agricultura		PREÇO MEDIO Recebido pelos lavradores JULHO DE 1953 (1)
		Posto SANTOS	Posto INTERIOR (2)	
Arroz em casca tipos 1 e 2, grãos médios sacco de 60 Ks.	154,00	245,00	215,00	421,00
Arroz beneficiado tipo 2, grãos médios sacco 60 Ks.	231,00	368,00	330,00	682,70
Milho, tipo 3 grupo duro sacco 60 Ks.	90,00	120,00	90,00	136,00
Feijão, tipo 3 variedade cores sacco 60 Ks.	138,00	193,00	163,00	260,70
Amendoim em casca tipo 2 sacco 25 Ks.	77,00	86,00	72,00	98,00

(1) Preços médios, incluindo todos os tipos e variedades.

(2) Cálculo aproximado.

1952 a abril de 1953, nos parece um pouco exagerado (sempre supondo estável o suprimento dos demais órgãos), pois, embora não tenham sido notados sinais de excessiva oferta quando produzido, parece que houve alguma sobra com a qual, se irá atender o consumo da presente safra, de 57.000 toneladas que devera terminar em abril de 1.954. Nossas necessidades devem girar em torno de 68 a 70 mil toneladas desses dois óleos, mantendo-se normal os demais óleos. Ora, estimando-se uma produção de 37.000 toneladas de óleo de algodão na próxima safra, teríamos de produzir 31.000 de amendoim para perfazer 68.000 toneladas. Isso demandaria uma produção pouco superior a 7.000.000 de sacas de 25 quilos, que representa uma colheita não muito inferior ao record estabelecido em 1947/48, que foi de 7.795.000.

Tomando-se 70.000 ao invés de 68.000 necessitaríamos de 33.000 toneladas de óleo de amendoim, o que demandaria uma safra de 7.500.000 sacas de 25 quilos em casca. Nestes cálculos incluímos o amendoim destinado ao consumo "in natura", bem como a reserva para plantio. Finalmente, se admitirmos uma produção conjunta dos dois óleos, igual a produzida em 1952/53, isto é, 75.600 toneladas, que consideramos um pouco elevada, mas não perturbadora do mercado, e fixando sempre a produção do óleo de algodão em 37.000 toneladas, necessitaríamos de 38,6 mil toneladas de óleo de amendoim.

Para isso, seria preciso estabelecer o record absoluto de 8.600.000 sacas.

Em resumo, vemos que São Paulo, poderá colher no próximo ano, uma grande safra de amendoim, sem que isso implique em risco de produção excessiva. Tratando-se por outro lado de produto que apresenta duas safras, anuais, smos de parecer que se deve procurar primeiramente assegurar preço para as safras das águas, e, oportunamente, de acordo com a conjuntura prevalecente e também segundo a reação dos produtores daqueles preços, estabelecer as bases para o amendoim das secas.

Nessa ordem de considerações, achamos que, para as safras das águas, poder-se-ia adotar o mesmo preço da safra passada, acrescido do aumento do índice do custo de atacado, o qual avaliamos em 12%. Teríamos então o preço de CR\$ 86,24. Este preço iria corresponder aproximadamente a CR\$ 72,00 em pontos distantes do Estado.

Acreditamos que esta base coloca, à salvo de prejuízo, o produtor médio. Por sua vez, não influirá em qualquer aumento de preço do óleo, pois, a este preço o óleo poderá ser vendido ao consumidor, incluindo todas as despesas do fabricante, como lucro, propaganda, impostos, etc., ao preço aproximado de CR\$ 22,00 o quilo. Ora este preço é bem inferior aos que estão vigorando atualmente, inferior mesmo ao preço do óleo de algodão.

22.

FEIJÃO: - Não havendo praticamente cultivos comerciais deste gênero alimentício, o qual é quasi que invariavelmente consorciado com outras culturas, qualquer prognostico sobre a area a ser plantada torna-se problematica.

Baseando-se, entretanto, nos altos preços prevalecentes durante o ano, os quais chegaram a ser iguais ao do arroz, é razoavel esperar-se aumento no plantio.

Traçando-se de alimento que participa da dieta quotidiana do nosso povo, é de todo interesse que se assegure uma fixação e paz de livrar o produtor de prejuizes com eventuais quedas de preços.

Na falta de dados sobre o custo da produção, os quais seriam no caso extremamente dificeis de serem obtidos, pelo carater de consorcio que apresenta a cultura, julgamos que se poderia adotar o mesmo criterio utilizado para o amendoim, ou seja, um preço para ocasião e portuna a fixação do preço que devera vigorar para a safra da seca.

Aqui entretanto, adotaríamos não o preço aprovado na safra anterior mas sim, o sugerido pela Secretaria da Agricultura. Teriamos assim :

Feijão de côres ou rajados "tipo 3" saca de 60 K., posto Santos:

Preço sugerido para a safra de 1952/53 - CR\$ 161,00

" " " " " " " " 1953/54 - (+12%) CR\$ 193,20

Tal preço equivaleria aproximadamente a cerea de ... CR\$ 163,00 nos pontos distantes do interior do Estado (Presidente Prudente).

Uma vez que não exportamos este artigo e sendo pouco provavel que a produção supere de muito o consumo normal dispensamo-nos de considerações sobre o mercado internacional.

SOJA: - Trata-se de cultura cuja implantação é objeto de esforços governamentais. Até aqui o seu cultivo tem sido feito em campos de cooperação, visando a obtenção de sementes. Na próxima safra entretanto, tem-se como certo o aparecimento das primeiras culturas comerciais.

No caso o preço mínimo devera ter, por conseguinte, o cunho de incentivo e consolidação da implantação da cultura entre nós. Essas considerações nos inclinam a adoção da base de CR\$ 3,00 por quilo (CR\$ 180,00 por saca) no interior ou seja, valor identico ao pago atualmente para o produtor de sementes.

20-30%; nas zonas velhas espera-se redução bem maior, entre 40-50% e até mais.

Em Araçatuba e Bilac, foram plantados com capim Colômbio. cerca de 2.000 e 1.000 alqueires, respectivamente, em áreas de algodão. Em Iins, 20% da área algodoeira, mais ou menos, teve o mesmo fim.

Milho:- A colheita está em fase de término. Nota-se maior intensificação no preparo do solo, como aração e enterrio dos restos de culturas. Existe grande procura de sementes, especialmente pelos tipos moles nas culturas de milho híbrido, quer da Secretaria como da Agro-Ceres; sendo que em relação a seca os mesmos provaram ser mais resistentes. Em Botucatu espera-se um aumento de 30% com referência a do ano passado.

Arroz:- Colheita já terminada. Há grande interesse por esta cultura e procura de sementes selecionadas para o plantio, permitem prever um aumento de área. As chuvas caídas durante o mês, favoreceram os trabalhos de aração das glebas destinadas a cultura.

Mamão:- O aspecto da lavoura pode-se julgar como regular com tratamentos culturais bons.

A colheita continua mais ou menos intensa, que tem São Paulo como o principal mercado. Embora a remessa de frutas para São Paulo seja grande, a exemplo dos anos anteriores, é bastante grande a quantidade de frutos perdidos pelo amadurecimento em grande escala e conseqüente queda verificada nesta época do ano.

Banana:- Em Registro, com a chegada do inverno e com a seca decorrida nesse Vale, os bananais encontram-se em declínio na produção e retardando a apresentação de bananas gordas, no ponto exigido pelo mercado. Os lavradores de Registro lutam com dificuldade para obtenção de quotas para exportação. Em Santos houve uma reunião patrocinada pela Associação Rural do Litoral Paulista, com a presença de técnicos, versando a reunião sobre a molestia cercosporiose da bananeira que praticamente já se constata em bananais de Santos, Guarujá e São Vicente.

Uva:- O tempo foi variável, com ocorrência de chuvas. Está sendo feito com bastante intensidade a enxertia. As variedades utilizadas na sua quase totalidade, são Niagara Rosada e, em menor porcentagem, a Niagara Branca. A adubação está quase finda; os que compraram esterco, fizeram sua incorporação ao solo, acompanhado de calcário e fosfatos. Observa-se em torno da viticultura um intenso interesse, o que é demonstrado pelo grande número de vinhedos novos.

Em Jundiá é calculado 400.000 a 500.000 pés de videiras que estão sendo formadas. Os agricultores pela falta de sulfato de cobre estão comprando esse produto a um preço muito elevado, causando

inquietação aos mesmos.

**Amendoim:-** Praticamente encerrada a colheita do amendoim da sêca. A expectativa geral é de que haverá sensível aumento de área em virtude do desinteresse pela cultura de algodão, observando-se acentuada procura de sementes em Taquaritinga e Paraguaçu Paulista.

**Mamona:-** Em plena colheita com regulares rendimentos, tendo sido observado pelo agrônomo de Paraguaçu Paulista que os mamonais se apresentam atacados pela podridão radicular, afetando sensivelmente a produção.

**Cana de Açúcar:-** Os trabalhos de corte de cana prosseguem com bons resultados, de uma maneira geral. Focos de "carvão de cana" foram observados em Lençóis Paulista, enquanto que em Sta. Cruz do Rio Pardo as chuvas de junho atrasaram a maturação.

**Mandioca:-** Esboça-se um surto de reerguimento da cultura da mandioca. Nota-se interesse dos uzineiros em financiar lavouras, persuadindo assim o lavrador ao cultivo dessa planta, que promete boa renda. A cultura no Estado teve ótimo desenvolvimento. Houve ligeiras ocorrências sem importância; apenas em Assis com um surto de broca do caule, Santa Cruz do Rio Pardo foi parcialmente atacada por bactérias na parte aérea, em Pindorama houve pequeno estrago com graminho e doenças.

**Feijão:-** Terminada já a colheita de feijão no Estado.

A produção foi grande, registrando-se, porém, descontentamento com relação ao preço, por parte dos agricultores.

As culturas foram bem sucedidas, quanto ao desenvolvimento e rendimento sendo favoráveis as condições.

**Batatinha:-** A colheita está se processando em todo o Estado, com ótimas perspectivas de produção.

A procura do produto têm sido restringida ultimamente, o que leva os produtores a não proceder o arrancamento, aguardando melhor oportunidade. Isto se verifica em Presidente Prudente e Piedade.

As incidências de pragas foram poucas, algumas culturas em Capivari, Itapetininga foram atingidas pela "Pinta Preta" e "Phytophthora"; em Jundiá, Dracena, São José do Rio Preto, Franca o foram pela "requeima".

**Cebola:-** A cultura de cebola apesar de ser uma das mais trabalhossas, é encarada pelos lavradores com bastante otimismo. O problema das sementes de má qualidade e dos preços extorsivos foram em parte solucionados com a venda de sementes importadas pela Secretaria da Agricultura. Em Piedade essa cultura tem sofrido um pouco com a falta de chuvas; os poucos lavradores que puderam irrigar as terras, já fizeram o transplante. O aspecto geral das culturas é bom. A maior parte das culturas foram transplantadas.